



O impacto cultural da Academia Piauiense de Letras para os intelectuais do Piauí no século XX

IARA CONCEIÇÃO GUERRA DE MIRANDA MOURA*

Resumo: Este trabalho aborda a situação político-social que deu origem a criação da Academia Piauiense de Letras, na capital do Estado do Piauí, destacando seus intelectuais e as dificuldades para a sua sobrevivência enquanto instituição cultural. Além disso, analisaremos a forma de divulgação de suas atividades acadêmicas à partir da Revista da Academia, e o período de atuação dos presidentes Simplício Mendes (1959-1971) e de Arimathéa Tito Filho (1971-1992) nesta instituição, destacando as atividades mais importantes no que se refere ao desenvolvimento da história e da literatura piauienses.

Palavras-Chaves: Instituição Cultural. Intelectuais. Cultura.

A Academia Piauiense de Letras (APL), também denominada de “Casa de Lucídio Freitas”¹, por ter sido idealizada por este poeta, foi fundada no dia 30 de dezembro de 1917, no salão nobre do Conselho Municipal de Teresina, em pleno momento de vigor intelectual no Estado, porém, de grande turbulência político-econômica no país, devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e a Áustria.

Nesse contexto, a criação da Academia Piauiense de Letras só foi possível pelo fato de existir na capital piauiense um grupo de intelectuais que se destacavam no jornalismo, na tribuna, na produção poética e histórica, a exemplo dos bacharéis recém-chegados da Faculdade de Direito de Recife (PE): Clodoaldo Freitas, bacharel da turma de 1880, Higinio Cunha, da turma de 1885 e Abdias Neves, da turma de 1898. Assim, com o propósito de reunir documentos sobre os grandes feitos das antigas gerações, divulgar seus estudos em revistas

* Mestre em História do Brasil, pela Universidade Federal do Piauí. Email: iaraconceicaooufpi@gmail.com

¹ Filho de Clodoaldo Freitas e de Corina Couto de Freitas, Lucídio Freitas nasceu em Teresina no dia 5 de abril de 1894. Após concluir seus estudos no Liceu Piauiense, viaja para Recife para cursar direito na Faculdade de Direito do Recife, concluindo-o em 1916, na cidade do Rio de Janeiro. Atividades exercidas: professor de História do Brasil do Liceu Piauiense, professor da Faculdade de Direito de Belém (PA), jornalista e poeta. Em Belém fazia parte de um grupo literário denominado por Martins Napoleão de “Amazônidas”. Aos 18 anos publicou seus primeiros poemas, ao lado do irmão Alcides Freitas, denominado *Alexandrinus* (1912), e depois *Vida Obscura* (1917) e *Minha Terra* (1921). Idealizou e criou, juntamente com os principais intelectuais piauienses da época a Academia Piauiense de Letras. Faleceu em Teresina, no dia 14 de maio de 1922, de tuberculose, como seus irmãos.

e obras para o conhecimento da intelectualidade local e nacional, Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, João Pinheiro, Edison Cunha, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Antônio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas e Felon Castelo Branco fundaram a APL.

Porém, sua instalação oficial só ocorreu no dia 24 de janeiro de 1918, na época, considerado o dia da independência do Piauí,² sendo dirigido por uma diretoria, com mandato de dois anos, formada por um presidente, Clodoaldo Freitas, secretário geral João Pinheiro, primeiro secretário Felon Ferreira Castelo Branco, segundo secretário Jônatas Batista, tesoureiro Antônio Chaves e bibliotecário Edison Cunha.

De acordo com Celso Barros Coelho, a vida intelectual do Piauí das primeiras décadas do século XX, se intensificava em torno de Higino Cunha, Clodoaldo Freitas e Abdias Neves, o qual apesar de não figurar entre os fundadores da APL foi escolhido por unanimidade de votos para tornar-se sócio efetivo desta instituição.

A ideia da criação da Academia Piauiense de Letras também nasceu do desejo dos intelectuais do Estado de se integrarem ao movimento cultural das demais regiões do país, a exemplo do Estado do Maranhão, onde tanto Clodoaldo Freitas, quanto Higino Cunha participaram do meio literário (Oficina dos Novos-1906) que deu origem à Academia Maranhense de Letras.

Esta academia, por sua vez, só foi oficialmente reconhecida como instituição de utilidade pública pelo governador João Luís Ferreira, através da lei nº 1.002, de 4 de julho de 1921, e no dia 24 de março de 1935, a APL filiava-se a Federação das Academias de Letras do Brasil, contando com o apoio moral e material do presidente da República. O interesse em manter contato com outras Academias brasileiras, visando divulgar as produções dos literatos piauienses, e de dialogar à respeito das manifestações culturais realizadas pelos homens de letras do país, sempre constituiu parte integrante de seu regimento, fazendo com que os acadêmicos piauienses egressos fossem sócios correspondentes em outros Estados da federação, como no Pará, na Bahia, no Rio de Janeiro, no Mato Grosso, em Recife, Fortaleza, Minas Gerais e São Paulo.

Segundo o artigo 2º do capítulo *Dos fins da Academia*, contido em seu Regimento Interno, os objetivos da APL são: cultivar a língua portuguesa, o estudo e o desenvolvimento

² Hoje o dia do Piauí é comemorado no dia 19 de outubro, por representar o primeiro grito de adesão à independência nacional em 1822.

da literatura piauiense, divulgar os autores piauienses, organizar uma biblioteca para consulta pública, criar arquivos e museus sobre a vida dos acadêmicos e respectivos patronos, publicar uma revista com artigos, resenhas e poesias de seus membros, além de suas *Notícias Acadêmicas*, para registro de suas atividades. “Para a realização de seus objetivos, pode a Academia ministrar cursos, editar obras, coordenar estudos e pesquisas, firmar convênios com o poder público e quaisquer entidades culturais.” (REGIMENTO, 1988: p.5).

Uma das funções essenciais para manter a vida da APL refere-se à criação de uma revista que contivesse “os discursos produzidos pelos acadêmicos, suas conferências literárias ou de caráter educativo, histórico, todos revelando a preocupação de manter a instituição integrada na vida acadêmica nacional, através de sua ligação com outras Academias de letras dos Estados”. (ACADEMIA, 1997: p. 105). Em relação à publicação dessa revista, os acadêmicos possuíam um verdadeiro compromisso com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do Estado do Piauí, tentando dar conta da produção literária da época e dos autores e obras do passado que já estavam esquecidos pela sociedade intelectual piauiense.

Além disso, esta revista constitui o primeiro suporte de divulgação e de registro da obra de muitos poetas piauienses servindo de fonte para o resgate de obras esparsas e inéditas de autores que não chegaram a publicar em vida nenhum livro. Foi com esse espírito empreendedor de estudiosos da literatura, da história e da filosofia, que seus acadêmicos conseguiram, apesar da crise financeira que abalou o mundo ocidental em decorrência da Primeira Guerra Mundial, produzir duas revistas em 1918.

No entanto, apesar dos escassos recursos que possui, da falta e/ou da pequena ajuda do poder público, e de falhas existentes na sua produção³, a Academia Piauiense de Letras vem conseguindo até os dias atuais editar sua revista com plena satisfação para o público leitor. Tendo em vista esse caráter ininterrupto de sua circulação, seus textos constituem indícios preciosos de importantes fatos da história e literatura do Piauí. No seu primeiro número, ela já nos mostra a sua finalidade e importância:

³ A maior falha na sua produção e circulação durou vinte anos, correspondendo aos anos de 1943 a 1963. Entre os anos de 1967 a 1971, a revista da Academia também não circulou.

[...] esta publicação, [é] destinada, principalmente, a difundir o gosto das boas letras e dos estudos de história e geografia do Piauí, de que tanto carecemos. O nosso olvido pelas coisas piauienses concorre para que sejamos esquecidos dentro do país, de forma que os geógrafos e historiadores cometem os erros mais grosseiros sempre que se referem á nossa terra, tão pouco amada de seus filhos. A fundação da Academia de Letras e a publicação desta Revista visam chamar a atenção dos entendidos para o estudo de quanto nos possa interessar, de seus homens, de suas coisas, tanto quanto estiver ao alcance das nossas forças. (ADVERTÊNCIA, 1918: p. 1).

Observamos desta forma, a preocupação que esta instituição tinha em criar uma identidade piauiense, levantar a autoestima de sua gente, em face de possíveis erros ou distorções de imagens veiculadas por jornalistas, economistas, geógrafos e historiadores do sul e sudeste brasileiro, que incomodavam a construção discursiva da região e do povo piauiense. Visava assim, incentivar um discurso, ou melhor, uma produção escriturística para o Piauí, no sentido de ser valorizado, conhecido e amado pelos seus habitantes, perpetuando sentidos e valores que ficariam registrados na geração futura.

No entanto, durante todo esse tempo de funcionamento, a Academia não possuiu sede própria, suas reuniões ordinárias ocorriam nas casas dos próprios sócios, já as extraordinárias e solenes nas dependências de prédios públicos. Na revista da Academia Piauiense de Letras, de 1942, ano do seu jubileu de prata, os acadêmicos solicitaram ao senhor Interventor Federal Leônidas de Castro Melo⁴, (1935/1945) o pedido da sua sede, que foi assim formalizado:

Ao desempenho de suas finalidades, que a tornam assim, não já uma sociedade estática, mas um instrumento ativo e intenso de trabalho e cultura, têm minguado os indispensáveis recursos materiais. Dentre eles, avulta, com certeza, o da falta de uma sede, pois em 24 anos de existência, a APL, viveu a odisséia das casas de empréstimos, das sedes temporárias de favor. [...]. Para o Estado, a quem, constitucionalmente, está cometido o dever de patrocinar as iniciativas de cultura, vem, agora, a APL, por intermédio de V. Excia., apelar, também e resolutamente, no sentido de lhe possibilitar a aquisição definitiva de sua sede, aspiração justa de

⁴ Leônidas de Castro Melo nasceu em 15 de set. de 1897 em Barras (PI), e faleceu em Teresina (PI), em 25 de jul. de 1981. Foi médico, delegado do Serviço Industrial Pastoral, professor e diretor do Liceu Piauiense e da Escola Normal Oficial, Conselheiro Municipal de Teresina, Deputado Federal, Senador da República, Governador e Interventor Federal do Piauí, Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas do Estado e Conselheiro Superior das Caixas Econômicas Federais. Foi patrono de uma das cadeiras da Academia do Vale do Longá. Livros publicados: *Da geração espontânea*, e *Trechos do meu caminho* (memórias).

quantos, lavrando em chão fecundo, têm dado valiosas colheitas, que enriquecem e ilustram o patrimônio espiritual da terra-berço. (NAPOLEÃO, 1942: p. 114).

Todavia, a Academia só foi conseguir uma sede digna de sua atuação e importância cultural, na década de 1980, mais especificamente no dia 29 de abril de 1986, através de doação do Governador do Estado, Hugo Napoleão (1983-1986), cuja presidência na Academia era exercida por Arimathéa Tito Filho (1971-1992). Assim, ela hoje “vive sob um teto que a abrigará para sempre”, localizado na Avenida Miguel Rosa, nº 3.300, zona sul desta capital.

Durante a presidência do Des. Simplício Mendes na APL (1959-1971),⁵a escassez de recursos foi uma preocupação constante. Assim, para criticar essa situação, Simplício usou seu espaço reservado nas colunas dos jornais de Teresina, da melhor forma possível, enfatizando a indiferença do poder público e de alguns sócios eleitos, bem como a necessidade de apoio do Estado, haja vista que é seu dever difundir, proteger e amparar a produção cultural da região. Segundo Simplício Mendes:

A Academia é paupérrima, não pode pagar jetom e, nesses tempos de materialismo pragmatista, arrosta também a indiferença dos próprios intelectuais piauienses. Não correndo o [jubileu de] ouro, não há atrativo nem idealismo, que possa interessar e valer no plano emocional da inteligência e das artes literárias. Poucos, raros os que se mantêm em vigília, guardando o fogo sagrado do culto dos antepassados. [...]. Há, porém, um raiar de esperança na compreensão e alto gabarito intelectual do Governador Petrônio Portela, que protegerá as letras, - dando, proporcionando á Academia, o que a Academia pobre precisa e merece, pela edificante grandeza dos compromissos culturais, da sua missão civilizadora e histórica. (MENDES, 1965: p. 3).

Para ele o que faltava no Estado do Piauí era uma política de valorização da cultura local, o que era perceptível não só pelo descaso a APL, cuja sede era provisória e sua mobília

⁵Simplício de Sousa Mendes nasceu em União (PI), em 1882, e faleceu em Teresina no ano de 1971. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1908, foi juiz, magistrado, professor da Faculdade de Direito do Piauí e jornalista. Presidiu o Tribunal de Justiça do Piauí, o Conselho Estadual de Cultura (1968-1971) e a Academia Piauiense de Letras (1959-1971). Foi diretor do Arquivo Público do Estado do Piauí e da Imprensa Oficial do Piauí. Assinou colunas em jornais da capital como: *Folha do Nordeste*, *Folha da Manhã* e *O Dia*, todas com o título de *Televisão*. Dentre as obras publicadas destaca-se: *O Homem, a sociedade, o direito e Propriedade territorial no Piauí*.

inexistente, por ter sido confiscada pelo governo interventor Landri Sales (1931-1935), em 1931, para servir ao Tribunal de Contas do Estado. Além disso, sua subvenção de cinco contos de réis, que era doada por ano pelo Estado, através da Lei nº 131 de 9 de julho de 1937, para ajudar com as despesas da Academia, principalmente com a publicação de sua revista, e de obras dos membros efetivos e dos demais piauienses, também foi retirada, e sua revista não era publicada desde 1943 por falta de verbas. Tendo em vista esta situação, Simplício Mendes afirmou: “Os [literatos] mortos protestam do além. Mas tudo porque a Academia é paupérrima e o governo piauiense não a protege, não a ampara, e nem lhe restitui a mobília de que foi espoliada pela violência da ditadura em 1931, há mais de 30 anos [...]” (MENDES, 1965: p. 3)

Simplício Mendes também lamentava o descompromisso de alguns imortais eleitos nos quadros da APL, que adiavam a sua posse o quanto queriam como aconteceu com o professor Clemente Fortes, que demorou 16 anos para ocupar a cadeira nº 21, cujo primeiro ocupante foi o poeta Da Costa e Silva, pois “É de deplorar-se, que nesse curso tão longo de tempo, S. Ex. não haja tido horas bastante para elaborar a sua fala acadêmica [...]. Até parece que o eminente professor admirado preceptor de tantas gerações, recusa a Academia [...]” (MENDES, 1965: p. 3).

O fim dos tempos áureos em que a APL viveu, isto é, o tempo da geração de Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves, Jônatas Batista, com suas múltiplas produções culturais, bem como, suas polêmicas políticas, filosóficas e religiosas, foi visto com tristeza por Simplício Mendes, pelo fato de não podermos mais voltar a esse passado glorioso, e de ser uma época já esquecida para a grande maioria da mocidade piauiense, marcada pela fluidez do tempo presente. Segundo ele, a Academia Piauiense de Letras “de alguns anos a esta parte, caiu em ponto morto, quase sem sinal de vitalidade. [...]. O momento governativo não é nada auspicioso à restauração do glorioso Cenáculo [...], mas as horas difíceis são as que dignificam a luta e os lutadores.” (MENDES, 1965: p. 3).

Procurando manter viva a ação dos intelectuais locais, Simplício Mendes promoveu uma campanha de revisão, atualização e reedição de algumas obras históricas que estavam esgotadas, junto ao governador Petrônio Portela Nunes (1963-1966), e ao prefeito de Teresina, Hugo Bastos (1963-1967), para que financiassem o aparecimento de: *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*: desde os seus tempos primitivos até a proclamação

da República (1909), do historiador pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa, *A guerra do Fidié* (1907), e *O Piauí na Confederação do Equador* (1921), ambas do historiador piauiense Abdias Neves. No entanto, as duas primeiras só foram reeditadas através do Plano Editorial, em 1974, promovido pelo governador Alberto Silva (1971-1975). E o último, pela Editora da Universidade Federal do Piauí (EDUFPI), em 1997. Segundo reportagem no jornal *O Dia*:

[...] nossa produção editorial ainda está longe de responder à capacidade do mercado leitor. Mesmo descontando a forte massa de analfabetos e a elevada população infantil, sobra um contingente potencial altíssimo que não é atendido, ou é atendido por publicações estrangeiras; por outro lado, o campo das bibliotecas semi públicas e privadas e das associações culturais sugere aberturas substanciais para uma expansão do livro nacional. (ENTIDADES, 1965: p. 6).

Também incentivou o surgimento de prêmios literários, para além daqueles instituídos, como os prêmios Abdias Neves, Da Costa e Silva, Jônatas Batista e Félix Pacheco. Segundo Simplício, deveria existir o prêmio Clodoaldo Freitas, para a pesquisa da história piauiense, o prêmio Higino Cunha, para os nossos jornalistas, prêmio engenheiro Sampaio, para o economista e planejador da produção do Estado, e prêmio Anísio de Abreu, para estudos que versavam sobre a política do Império e da República.

Durante o tempo em que dirigiu a APL, Simplício Mendes presenciou não somente momentos de frustração e desânimo, mas também, de alegria, como a posse do médico, ex-reitor da Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras, Deolindo Couto, na cadeira nº 2, da Academia Piauiense de Letras, deixada vaga com a morte do poeta João Pinheiro, cujo patrono é o poeta Hermínio Castelo Branco. Outro acontecimento digno de emoção para a cultura piauiense foi a morte do acadêmico José de Arimathéa Tito em 1963, e a ocupação de sua cadeira nº29, pelo seu filho José de Arimathéa Tito Filho (1924-1992). É interessante ressaltar que ambos foram recepcionados, durante a solenidade de posse na APL, respectivamente, em 1923 e 1964, pelo Des. Simplício Mendes.

Bacharel em direito, jornalista e professor como o pai, Tito Filho sabia desempenhar com maestria suas funções culturais, por isso, sua escolha para ocupar a cadeira nº 29, cujo

patrono é o general Gregório Taumaturgo de Azevedo, foi unânime entre os acadêmicos. Sobre Tito Filho, Simplício Mendes afirmou:

Tendes capacidade, tirocínio, formação vernácula, literatura, saber, estilo e talentos [...]. E com esses predicamentos intelectuais, os digo, - a ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS vos recebe com o mais alvissareiro regozijo, certa de que terá, na vossa individualidade brilhante e ativa, um valoroso e dedicado cooperador, pelos altos destinos que a edificam e a instituem na vida mental e cultural da nossa terra comum. [...]. Assim, senhor Professor J. de Arimathéa Tito Filho, sereis entre nós o vero e eficaz substituto do vosso grande genitor com o mesmo devotamento, - idêntica e fecunda produtividade e dedicação ao progresso cultural do nosso Piauí. (MENDES, 1964: p.3).

Além destes fatos, a presidência de Simplício Mendes foi marcada pela passagem das comemorações dos 50 anos de vida da Academia Piauiense de Letras. Este fato por sua vez, suscitou a atenção da intelectualidade local, e conseqüentemente, o apoio do governador Petrônio Portela, o qual já estava se despedindo do governo, devido sua candidatura para o senado da República.

Porém, mesmo não estando presente no momento da realização das festividades, sua colaboração ficou registrada nas revistas de 1965 e 1972, onde existem, respectivamente, homenagens e agradecimentos a ele. Foi somente nos três volumes da revista de 1972, denominados de edição do cinquentenário, que as comemorações dos 50 anos da APL foram comentadas.

Nas solenidades de comemoração do jubileu de ouro da APL, grande parte das autoridades públicas do Estado sentiu-se na obrigação de participarem das conferências de homenagem à APL, comparecendo assim, o governador do Estado, Helvídio Nunes de Barros (1966-1970), o vice-governador, João Clímaco de Almeida, o prefeito de Teresina, Joffre do Rego Castelo Branco, o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Araújo Mesquita, o arcebispo, D. Avelar Brandão Vilela, o presidente do poder Judiciário, Edgard Nogueira, as forças armadas, os representantes federais do Piauí no Congresso Nacional, professores, estudantes, intelectuais, etc.

Todavia, o apoio às estas comemorações, não partiu apenas do Estado, mas também, de intelectuais de outras regiões, como foi o caso do Comandante Carlos Garrido, da Academia

de Alagoas e presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, que ofereceu para a Academia brasão e algumas medalhas comemorativas do jubileu de ouro, haja vista que considerava que “Todas as unidades políticas do País têm cunhado medalhas comemorativas, assinalando os mais diversos eventos, menos o Piauí, que, jamais em tempo algum, teve qualquer, por mais banal.” (O CINQUENTENÁRIO, 1972: p. 12).

Nestas conferências, foram homenageados os dez sócios fundadores da APL: Clodoaldo Freitas, João Pinheiro, Fenelon Castelo Branco, Jônatas Batista, Baurélio Mangabeira, Higino Cunha, Antônio Chaves, Lucídio Freitas, Celso Pinheiro e Edison Cunha, na época, o único sobrevivente que assistiu as festividades dos 50 anos da Academia, o qual foi alvo de homenagens especiais.

Durante esta época também ocorreu à posse dos novos imortais da APL, como a da poetisa Nerina Castelo Branco, no dia 9 de dezembro de 1966, do bacharel em Direito Celso Barros Coelho, no dia 29 de maio de 1967, do escritor Manoel Paulo Nunes, no dia 28 de agosto de 1967, do historiador Odilon Nunes, no dia 5 de outubro de 1967, do historiador Wilson Brandão, no dia 14 de outubro de 1967, do economista e historiador Raimundo Santana, no dia 18 de dezembro de 1967.

Entre as décadas de 1970 e 1980 a Academia estaria, de acordo com Celso Barros Coelho, na “fase que seria a mais dinâmica de sua história e frutífera de sua luta: a da Presidência de Arimathéa Tito Filho [1971-1992].” (COELHO, 1994: p. 18).

A administração de Arimathéa Tito Filho na Academia Piauiense de Letras, também foi frutífera, pois a instituição contou, a partir de 1974, com subvenções estaduais permanentes, concedidas mensalmente pelo governador Alberto Silva, no valor de Cr\$ 5 mil cruzeiros. No governo de Dirceu Arcoverde (1975-1979), especificamente, a partir de julho de 1978, o chefe do executivo estadual aumentou essa subvenção para Cr\$ 10 mil cruzeiros. Sobre a importância do Estado na promoção cultural, El Far acredita que “Sem a proteção do Estado para legitimá-la perante a sociedade, as chances [das Academias de Letras sobreviverem] seriam mínimas. Além disso, seria inviável dividir as despesas necessárias às reuniões entre os literatos, dadas as condições financeiras em que a maioria deles vivia.” (EL FAR, 2000: p. 55).

Dinâmica, dentre outros motivos, pela aquisição de uma sede definitiva (1986), pela regularidade com que era publicada a *Revista da Academia*, (principalmente na década de

1980), devido à criação de *Notícias Acadêmicas* (jornal criado em 1986 para divulgar as atividades mensais da instituição), a uma maior publicação de livros de autores piauienses, e principalmente, pela efetiva participação dos imortais na vida acadêmica, comparecendo às reuniões semanais, realizadas aos sábados, às solenidades de posse e aos lançamentos de obras.

O *Notícias Acadêmicas*, boletim informativo, tinha como objetivo principal destacar, mensalmente, os acontecimentos socioculturais de que a referida instituição participava, bem como lembrar datas históricas importantes na série Efemérides. O jornal, também, trazia as seções Agenda, Noticiário e Opiniões de leitores ilustres, sobre a importância e a repercussão deste meio de comunicação. Antes da circulação de *Notícias Acadêmicas*, a APL mantinha o *Informativo Acadêmico*, jornal que totalizou 144 edições em um período de doze anos (1974/1985).

Em relação à História de Teresina, o *Notícias Acadêmicas* foi responsável por fazer, a pedido da Prefeitura da cidade, um levantamento histórico dos principais prédios da capital, como o da Justiça Federal, o do Conselho Municipal, o do Mercado Velho, o da Companhia de Fiação e Tecidos Piauienses, o Museu do Piauí, Educandário Pedro II (prédio onde hoje funciona a Casa da Cultura), Palácio da Cidade (Prefeitura de Teresina), Biblioteca Cromwell de Carvalho, Teatro 4 de Setembro, Palácio de Karnak, Colégio Sagrado Coração de Jesus, dentre outros.

Conforme o artigo 2º dos Estatutos de 1989, que rege sobre os objetivos da APL, o presidente Arimathéa Tito Filho providenciou, em 1974, a organização de uma biblioteca para consulta pública e em 1976, um arquivo sobre a vida dos acadêmicos e respectivos patronos. Sobre a biblioteca, esta foi formalmente instalada em 1989, com espaço amplo para oferecer aos estudantes e intelectuais, ambiente favorável à pesquisa e ao estudo, organizada em seções, como Catálogo Geral, Seção Tito Filho, Seção Gayoso e Almendra, Seção Ribeiro Gonçalves, Autores Piauienses e Periódicos.

A Academia, também, prestou importante contribuição à cultura piauiense, ao colaborar para a escrita da história da Coluna Prestes no Piauí, com documentos e estudos necessários à elucidação desse episódio, realizado por Anita Leocádia Prestes, filha de Luís Carlos Prestes. Além disso, a APL promoveu durante a década de 1970, momentos de grandes comemorações, como o 60º aniversário de sua fundação, ocorrido no dia 30 de dezembro de

1977, mas festejado somente em janeiro de 1978, especificamente entre os dias 9 e 31, em virtude das festividades de Natal e Ano Novo.

Uma das ações que tornaram a Academia mais próxima da sociedade piauiense foi a criação, em 1980, do Departamento de Ação Comunitária, orientado e dirigido pelas esposas dos acadêmicos, com a finalidade de angariar recursos para a edição de livros, bem como, de proporcionar uma relação mais participativa com os demais familiares dos imortais. Para a venda dos livros, esse Departamento contava com um sistema de distribuição a preço reduzido, ou seja, uma assinatura de seis exemplares custaria Cr\$ 500 cruzeiros, visando incentivar a população de classe média baixa a adquirir livros de literatura piauiense.

A APL se destacou, também, como órgão social, ao prestar em 1982, cooperação financeira ao Centro Social Urbano do Bairro Parque Piauí, e à Editora dos Artistas Sem-mãos, em São Paulo; contribuindo com doações de livros a Associação dos Cegos do Piauí, patrocinando e incentivando os universitários a participarem de congressos estaduais, como o I Congresso de Ciências Sociais (Rio de Janeiro), do VI Congresso de Orientação Educacional (Minas Gerais). E em relação aos estudantes secundários, a Academia forneceu livros didáticos a alunos carentes, como parte da promoção educativa Livro nas Escolas, iniciativa da Secretaria de Cultura, Sindicato dos Jornalistas e da APL.

É importante destacar, que nem só de palestras, lançamentos de livros e revistas, posses e homenagens de homens de letras, vivia a APL, mas igualmente, de arte. Através de um diálogo com a Embaixada dos Estados Unidos, em Brasília, a Academia Piauiense de Letras trouxe, em 1989, doze filmes da época de ouro do cinema mudo, entre eles *Sangue e areia*, *O filho de Sheik*, *O médico e o monstro*, que foram exibidos na Secretaria de Cultura, na Escola Técnica Federal, no Colégio das Irmãs, no SESC, no Rotary Clube e no Teatro 4 de Setembro, para estudantes, jornalistas, empresários, professores, isto é, para diversos públicos interessados em cinema.

Diante do poder simbólico da Academia Piauiense de Letras, os intelectuais Simplício Mendes e Arimathéa Tito Filho monopolizaram seus cargos de direção nesta instituição, cujo tempo exercido foram, respectivamente, 12 anos e 21 anos, sendo que ambos faleceram durante o exercício da presidência. Isto pode ser explicado, de acordo com Arimathéa Tito Filho, porque as Academias de Letras representam “uma espécie de poltrona cômoda”, que oferece proteção àqueles intelectuais que se sentem desamparados, sem apoio, estímulo,

financiamento, ou seja, sem oportunidade de verem suas obras editadas, seus livros comentados pelos membros da APL, seus estudos e opiniões divulgados na revista da Academia, e principalmente, de ser reconhecido pelos seus pares. Sobre isso, Tito Filho concluiu que “Há um exemplo frisante na Academia Piauiense: eleito, um companheiro nosso, no dia seguinte, nos dizia: - Professor Arimathéa, gente que nunca me cumprimentou na vida passou a me cumprimentar”. (TITO FILHO, 1983: p. 19)

A aura simbólica conferida à APL era bastante forte na sociedade piauiense, pois ela representava a tradição histórico-literária do Estado do Piauí. Dentro dessa perspectiva, o presidente da APL tinha um papel fundamental no sentido de legitimar este poder. Sobre a atuação do presidente Arimathéa Tito Filho na Academia Piauiense de Letras, Cineas Santos enfatiza a dedicação deste intelectual às letras e a direção da instituição, pois, segundo ele:

A paixão de A. Tito pelos livros era algo incomum; lendo, escrevendo, prefaciando, comentando e, principalmente, distribuindo prodigamente livros a mancheias, consumiu boa parte de sua vida útil. Ninguém visitava a Academia Piauiense de Letras sem receber dele livros de presente, mesmo que fosse uma daquelas brochurinhas ordinárias que se vendem no quilo nas praças de qualquer cidade. Sem o menor preconceito lia tudo: do cordel à filosofia. [...] A paixão de A. Tito pela APL estava bem próxima da devoção. A ela dedicou o melhor de sua existência; conferiu-lhe a credibilidade e o dinamismo de que as academias tanto carecem. Ali recebia a todos indistintamente [...]. É certo que, uma que outra vez, estilava nas barbas do freguês o seu humor corrosivo. Presenciei um fato que me parece digno de registro: procurado por um poeta que lhe cobrava prefácio para um ‘novo’ livro de poemas, nem se dignou a ler os originais. Entregou-os ao poeta com a recomendação: ‘Pode usar aquele prefácio que escrevi há vinte anos: sua poesia não mudou.’ (SANTOS, 1992: p. 48)

Esta instituição, reconhecida pela sociedade piauiense, através do desempenho de seus trabalhos socioculturais, tem um importante papel no Estado do Piauí, principalmente na sociedade teresinense, espaço onde multiplica seu poder, devido às atividades realizadas por seus acadêmico-imortais do presente e do passado.

Diante do exposto, percebemos que foram inúmeros os esforços efetivados para manter viva a Academia Piauiense de Letras, e o quanto ela tem se destacado nas atividades culturais do Estado, atuando conforme os preceitos que a fizeram instituir em 1917, haja vista que:

[...] a Academia resiste ao tempo, resiste a tudo, e leva para a frente a bandeira empunhada no primeiro dia, a bandeira do idealismo, a bandeira das grandes coisas espirituais da vida. Mostra que não são técnicos, os cientistas, os homens práticos, que constroem a obra duradoura. Os poetas, os literatos, os escritores, os intelectuais, sonhadores impenitentes, iluminados pelo ideal, são capazes de milagres como o desta instituição que já viveu mais de [nove] décadas e promete viver muito mais ainda, em meio a todos os óbices, a todos os embaraços, a todas as dificuldades. (COELHO, 1994: p.21)

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA de Letras- Os Fundadores. Teresina: Meio-Norte, 1997.
- ADVERTÊNCIA. In: *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Vol.1, Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, jun. 1918.
- COELHO, Celso Barros. *Academia Piauiense de Letras: 75 anos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994.
- EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República: 1897-1924*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- ENTIDADES Culturais e Livros. *O Dia*, Teresina, ano 15, n. 1611, p.6, 4 ago. 1965.
- MENDES, Simplício de Sousa. Recepção Acadêmica. *O Dia*. Teresina, ano 14, n. 1171, p.3, 18 fev. 1964.
- MENDES, Simplício de Sousa. A nossa Revista. *O Dia*. Teresina, ano 15, n. 1475, p.3, 28 fev. 1965.
- MENDES, Simplício de Sousa. Academia Piauiense de Letras. *O Dia*. Teresina, ano 15, n. 1490, p. 3, 20 mar. 1965.
- NAPOLEÃO, Martins. Gabinete da Presidência. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina: D. E. I. P, ano 25, n. 19, maio de 1942.
- O CINQUENTENÁRIO da Academia. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, vol. 3, 1972, p.12.
- REGIMENTO interno da Academia Piauiense de Letras. Título I- Da organização da Academia, Capítulo I- Dos fins da Academia, Artigo 2º, parágrafo 1º, 30 de dezembro de 1988.
- SANTOS, Cineas. Sob o signo da paixão. *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano 6, n. 12, p. 48, ago. de 1992.
- TITO FILHO, José de Arimathéa. Entrevista: A. Tito Filho. *Presença*. Teresina, ano 3, n. 6, p.19, dez./fev. 1983.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL